

Ontologia e crítica: o método de Marx

André Guimarães Augusto

Professor da Universidade Federal Fluminense e doutorando do IEI- UFRJ.

A obra de Marx se particulariza essencialmente pelo aspecto metodológico e isso em um sentido preciso. O pensamento marxiano se baseia em uma perspectiva ontológica, em uma ontologia do ser social⁽¹⁾. Todas as análises de Marx a respeito do conhecimento, da moral, do direito ou da economia política por exemplo, se constituem em unidade com essa ontologia.

Assim, a análise científica de Marx se encontra em constante diálogo com sua ontologia. Esse diálogo é expresso no método: método que encontra seu fundamento na ontologia e do qual derivam as análises particulares. É necessário, portanto, para apreender a singularidade do pensamento de Marx em toda sua complexidade, reconhecer seus pressupostos ontológicos que determinam, em última instância, seu método.

Este artigo se propõe a expor alguns aspectos centrais da proposta metodológica marxiana. A primeira parte do texto assinala as categorias da totalidade e contradição como constitutivas da ontologia do ser social sugerida por Marx. Na segunda parte apresentaremos a discussão metodológica propriamente dita, onde o método de Marx é visto como uma proposta de superação dos métodos indutivo e dedutivo.

AS BASES ONTOLÓGICAS

Afirmar que há uma base ontológica do método marxiano significa dizer, em primeiro lugar e sobretudo, que este tem como pressuposto a existência da realidade, a existência de seu objeto independente do processo de conhecimento. Nesse sentido cabe falar de uma prioridade do campo ontológico com relação ao campo epistemológico no pensamento de Marx⁽²⁾.

Começamos precisando alguns desses termos. O campo ontológico se constitui nas relações e processos efetivos. Trata-se do campo da práxis, do campo que se coloca geneticamente a partir da experiência, consistindo no complexo de relações

que constituem a existência objetiva. Já o campo epistemológico consiste nos processos e relações constituintes da atividade de conhecimento em si, ou seja, diz respeito à própria internalidade do discurso e da prática científica.

Embora não seja nosso objetivo deslindar o complexo de relações que se estabelecem entre esses dois campos, indiquemos, resumidamente o significado das correlações de independência e prioridade ontológica antes apontadas. Primeiramente é preciso lembrar que a efetividade é pressuposto e guia do processo de conhecimento. Além disso, no sentido genético, o campo autônomo do conhecimento se desdobra a partir das necessidades da reprodução material. Por outro lado, deve-se ressaltar que o conhecimento e outras formas de tradução das relações efetivas na consciência constituem um elemento da totalidade social, e como tal possuem algum grau de efetividade histórica⁽³⁾.

Desta forma, na perspectiva marxiana a atividade de conhecimento esta inscrita na dimensão mais ampla e profunda da ontologia. Sem querer esgotar tão densa temática, apontemos apenas para a novidade radical que já aqui se coloca no pensamento marxiano, vis-a-vis a filosofia clássica alemã. Enquanto que para Kant, há uma exterioridade entre o conhecimento e a efetividade, Hegel nos propõe, inversamente a identidade entre pensar e ser. Marx, numa superação das perspectivas anteriores, sugere uma relação de imanência, porém sem a indiferenciação hegeliana, entre conhecimento e efetividade.

Uma vez colocadas essas questões iniciais, procuraremos esboçar os traços fundamentais da ontologia implícita na obra de Marx.

Antes de mais nada é preciso lembrar que a categoria central da ontologia do ser social sugerida pela obra de Marx é o trabalho. O trabalho é a atividade primeira dos homens aquela mediante a

qual eles produzem, reproduzem e transformam a sua vida. Dada essa importância, alguns aspectos gerais relacionados ao processo de trabalho devem ser mencionados aqui.

O trabalho é antes de tudo uma relação entre o homem e a natureza. Por meio do trabalho o homem satisfaz suas necessidades e se afirma como ser objetivo. Isto é, como ser que é objeto de algo fora de si, como ser carente, e ao mesmo tempo como ser que tem um objeto fora de si, que age sobre a natureza.

O caráter de objetividade, porém, é comum a todo ser, não importando se este é o ser social ou ser natural. O trabalho humano se distingue sobretudo por ser uma atividade consciente. A forma final do objeto do trabalho é prefigurada na mente do trabalhador, antes mesmo da realização do processo de trabalho. Em outras palavras a atividade do homem se torna objeto de seu querer e de sua consciência. A atividade produtiva humana é assim atividade subordinada a um fim, atividade teleológica.

Em outras palavras, enquanto que para os animais a reprodução se mantém ao nível meramente instintivo, regulado por leis biológicas, os homens interpõem a consciência entre suas necessidades e sua atividade, tornando-os dois elementos distintos.

Porem, para que a finalidade idealizada no início do processo se realize, o produtor deve colocar em ação as relações causais - determinadas pelo automovimento da natureza - do objeto sobre o qual atua. Assim o trabalho se firma como unidade de teleologia e causalidade⁽⁴⁾.

Esse esboço das características essenciais do trabalho nos remete a algumas determinações centrais do ser social. Vejamos quais são e quais suas consequências no plano metodológico.

i) O trabalho antes de mais nada é um complexo. Enquanto unidade de teleologia e causalidade, o trabalho é constituído por diversos elementos: a ideação do fim a se alcançar, o reconhecimento das causalidades objetivas, a escolha de meios mais adequados para a execução da finalidade, a operação sobre o objeto e a realização da finalidade. Todos esses elementos se determinam reciprocamente e se pressupõem mutuamente formando um complexo, uma totalidade.

Mas o trabalho é o complexo mais simples; o ser

social consiste em uma totalidade, em um complexo de complexos. Em sua determinação de totalidade o ser social não é um conjunto de fatos individuais isolados, mas sim um complexo. Em outras palavras, as relações entre os diversos elementos que constituem o ser social, seu papel no todo e sua ação sobre os outros elementos, tem prioridade sobre os elementos considerados isoladamente e determina a sua natureza.

Uma questão fundamental diz respeito à relação entre os elementos que constituem a totalidade do ser social. Ainda que os momentos constitutivos do ser social estejam sempre ligados e interagindo, cabe determinar aquele que é o predominante. Este não é a causa última a qual a totalidade social possa ser mecanicamente reduzida, do qual todos os outros momentos sejam meros reflexos passivos. O momento predominante da totalidade social é aquele que tem a prioridade ontológica, i.é., aquele sem o qual os outros momentos não poderiam existir.

A prioridade ontológica no ser social cabe ao momento econômico, i.é., a reprodução material. Essa prioridade, entretanto é apenas ontológica, ou seja, os outros aspectos da totalidade social pressupõem a existência do econômico. Uma hierarquia rígida nesses casos não é válida, sendo mesmo incompatível com o processo histórico concreto; nesse o que vale é sempre a interação entre seus diversos momentos, sua ação recíproca⁽⁵⁾.

ii) O trabalho consiste também em um conjunto de determinações contraditórias. Por um lado, teleologia e causalidade formam uma unidade, na qual uma pressupõe a outra. Para a finalidade do processo de trabalho se realizar é necessário por em ação a causalidade dos objetos. Por sua vez, a causalidade passa a ser uma causalidade posta, na medida em que opera somente para atender a finalidade do processo. Por outro lado, teleologia e causalidade se excluem mutuamente como elementos antitéticos. Causalidade, enquanto princípio espontâneo de movimento, exclui qualquer intervenção de uma consciência que o ponha. Desta forma, o trabalho se determina como uma unidade contraditória de teleologia e causalidade.

Um outro exemplo de determinação contraditória no processo de trabalho pode ser encontrado na relação entre ser e consciência. Por um lado, o conhecimento do objeto, sua tradução

na consciência é necessária para a realização do processo de trabalho, a criação de uma nova objetividade. Por outro, a tradução do objeto na consciência é uma forma de negação do ser. Assim o trabalho se determina também como uma unidade contraditória entre o ser objetivo e sua tradução na consciência.

Muitos aspectos contraditórios do processo de trabalho poderiam ser lembrados: homem/natureza; fins/meios; sujeito/objeto, etc. Todas essas determinações formam uma unidade na medida em que cada uma pressupõe a outra, mas ao mesmo tempo nega e se opõe ao outro.

O ser social consiste em um conjunto de determinações contraditórias: base e superestrutura; forças produtivas e relações de produção; luta de classes, etc. Essa determinação do ser se encontra em íntima ligação com seu caráter de complexo. A contradição, a interação de opostos é a forma de relação dos elementos de um complexo - como no trabalho - e dos complexos entre si ⁽⁶⁾.

É na tensão entre elementos contraditórios que o ser social se reproduz e se transforma. O resultado desta tensão é a produção do novo - de novas objetividades e de nova subjetividade. Nesse sentido, todo complexo é "provisório"; o ser social consiste em um processo de criação e destruição de complexos, um continuum de dissolução e engendramento. O ser social não apenas tem uma história, ele é história.

O MÉTODO DA CONCREÇÃO

Os aspectos ontológicos apontados na seção anterior indicam importantes princípios metodológicos. Primeiramente a característica do ser social como uma totalidade exige que o conhecimento ontologicamente orientado deve apreender o objeto como o elemento de uma totalidade. Daí que a análise científica não vise alcançar uma explicação para fatos isolados, que progressivamente se agregam ao conjunto de outros fatos, também originalmente isolados. O conhecimento busca a concretude de cada fato, o seu relacionamento com todas os outros momentos que compõe a totalidade do ser social.

Além disso, todo objeto deve ser apreendido como momento de um processo histórico. O conhecimento deve apreender a gênese e as tendências de desenvolvimento do objeto, analisando suas contradições e possibilidades de superação.

Apreender o objeto concreto portanto, significa responder as seguintes perguntas: que conjunto de relações o determina? Quais suas contradições essenciais e suas tendências de desenvolvimento. Antes de chegarmos à discussão metodológica, porém, é preciso lembrar a necessidade do processo de investigação científica para o conhecimento. Nesse aspecto nos deparamos com uma questão ontológica fundamental, a da relação entre os aspectos fenomênicos e essenciais da realidade ⁽⁷⁾.

Como indica Marx, se toda realidade se mostrasse de forma imediata não seria necessário o processo de investigação científica para o conhecimento e atuação sobre essa realidade. No entanto, de forma imediata a realidade revela somente seus aspectos fenomênicos os quais, por serem imediatos, obscurecem a gênese, a especificidade e as determinações reais.

Em outras palavras, nos aspectos fenomênicos da realidade não está presente aquilo que a constitui essencialmente, o movimento, a determinação histórica. Só desvelando a estrutura ontológica fundamental da realidade - ou seja, suas contradições que lhe imprimem o movimento, seu caráter de totalidade processual e complexa - que o processo de conhecimento pode se realizar como instrumento de uma práxis realmente transformadora.

Uma vez apresentadas essas questões preliminares podemos passar a questão metodológica que nos preocupa: se a ciência, que se faz em unidade com a ontologia, tem por objetivo desvelar o processo de constituição do real como complexo, qual seria o procedimento para se atingir essa finalidade? Nesse sentido o método de Marx apresenta algumas indicações importantes.

O primeiro passo nesse caminho é a apreensão da experiência imediata, do todo caótico em que esta oculta o movimento. Os dados da experiência imediata são organizados e suas representações são elaboradas em conceitos, em abstrações de caráter cada vez mais geral. O passo seguinte consiste em desenvolver tais abstrações em um número cada vez maior de determinações. Esse conjunto de determinações é aquilo que constitui o concreto, concreto que é resultado do processo de investigação e de conhecimento da realidade (Marx, 1986).

Examinemos melhor essa dupla caminhada que nos leva ao concreto. Desde já destaque-se que a peculiaridade da jornada metodológica marxiana

se encontra na presença, em todos os seus momentos, da crítica ontológica e, vinculado a isso, na natureza mesma das abstrações⁽⁸⁾. Senão vejamos.

O primeiro passo consiste em absorver as entificações singulares imediatamente dadas e questionar suas condições de possibilidade. Tais condições de possibilidade - que estão realmente postas no objeto, no material apreendido pela intuição e pela representação - revelam elementos determinantes comuns; elementos esses que coletados, reunidos e provisoriamente isolados uns dos outros formam as abstrações.

Em outras palavras, trata-se do trabalho de investigação, do escavamento das abstrações por meio da crítica. Não se trata da elaboração de hipóteses, pressupostos genéricos de uma construção lógica que não necessariamente guardam vínculo com a efetividade. Nem mesmo da generalização de séries empíricas. As abstrações emergem do embate com o objeto, do tratamento dos dados imediatos com a ferramenta da crítica ontológica. As abstrações são um resultado da investigação.

Enfatiza-se portanto a centralidade e peculiaridade do processo de investigação no método marxiano. Enquanto que para as diferentes variações do método dedutivo a compreensão de qualquer fenômeno tem como pré requisito o entendimento de uma lógica abstrata, de um conjunto de pressupostos e hipóteses os quais se aplicam ao objeto em questão, no método de Marx, o pressuposto de todo entendimento claro e racional do objeto é a sua investigação.

Lembre-se também que a presença da crítica ontológica como ferramenta da investigação, da escavação de abstrações, afasta o método marxiano das generalizações indutivistas. Nesse sentido vale lembrar as palavras de um crítico citadas com aprovação de Marx no Posfácio da 2. edição de O Capital:

"(...) a investigação crítica da própria civilização não pode ter, por fundamento as formas ou os produtos da consciência. O que lhe pode servir como ponto de partida, portanto não é a idéia, mas, exclusivamente, o fenômeno externo. A inquirição crítica limitar-se-a a comparar, a confrontar um fato, não com a idéia, mas com outro fato." (Marx, 1987, p.15).

Enfatizemos ainda o caráter das abstrações, resultado da investigação e matéria prima da

exposição. Lembremos que trata-se aqui de universais efetivos. O conhecimento ontologicamente fundado deve reproduzir o processo efetivo de abstração que se dá no âmbito da realidade social, independente dessa abstração ter sido realizada também pela consciência. A abstração portanto, não é uma criação da mente do investigador, mas sim um fato tão real quanto os da imediatez da fenomenica. Cabe aqui uma transcrição que revela o caráter de efetividade das abstrações marxianas:

"Por outro lado, essa abstração do trabalho em geral não é apenas o resultado intelectual de uma totalidade concreta de trabalhos. A indiferença em relação ao trabalho determinado corresponde a uma forma de sociedade na qual os indivíduos podem passar com facilidade de um trabalho a outro e na qual o gênero determinado de trabalho e fortuito, e, portanto, é-lhes indiferente. Nesse caso o trabalho se converteu não só como categoria, mas na efetividade em um meio de produzir riqueza em geral, (...)" (Marx, 1986, p.17)

Retomemos o fio da meada. Uma vez extraídas as abstrações no processo de investigação cabe desenvolvê-las para se ter o "concreto pensado". Essa segunda caminhada constitui o processo de exposição.

O processo de exposição consiste no trabalho de determinação das abstrações, na sua articulação e delimitação. A natureza do objeto vai determinar as proporções e modos de articulação entre as abstrações na configuração do concreto pensado. Em outras palavras, trata-se agora de utilizar novamente a ferramenta da crítica ontológica, desta vez na matéria prima das abstrações, moldando-as na produção do concreto pensado.

A primeira questão que se coloca aqui é a do ponto de partida da exposição. Tal ponto de partida não pode ser arbitrário, mas deve consistir naquelas categorias centrais do ponto de vista ontológico, tal como revelado pela investigação e pela crítica.

Uma vez definido o ponto de partida as abstrações sofrem um processo de delimitação e especificação que leva à dissolução de seu caráter abstrato. Determinadas em seu conteúdo e retiradas do seu isolamento provisório, as abstrações são articuladas e dimensionadas de acordo com a extensão e grau de generalidade em que participam da constituição do objeto.

Tomemos um exemplo. Na exposição marxiana

de "O Capital", a cada momento em que é confrontada com uma nova dimensão do objeto - qual seja, a sociedade burguesa - a categoria do valor revela novos conteúdos e assume novas formas. Assim, ao se confrontar com o caráter mercantil da força do trabalho, o valor revela sua determinação de movimento de valorização, de capital. Ao se confrontar com o caráter de produto do capital das mercadorias e com o movimento dos capitais em busca do lucro médio, o valor revela sua determinação de preço de produção⁽⁹⁾.

Note-se bem que não se trata aqui de descartar as determinações inicialmente apresentadas, mas de revelar novos conteúdos e suas articulações os quais se enredam formando a trama da efetividade. Assim, as categorias da circulação mercantil - mercadoria, dinheiro e a própria circulação mercantil - revelam novas dimensões ao se entrelaçarem com a circulação do capital. Mercadoria e dinheiro se determinam também como formas do capital, como formas do processo de valorização, enquanto que a circulação mercantil se entrelaça com a do capital na reprodução da força de trabalho⁽¹⁰⁾.

Desta forma, o que se constitui no real como um complexo dinâmico, aparece na exposição, na sua tradução mental, como seqüência e ordenação. Dai que o desenvolvimento das categorias na exposição possa parecer simplesmente uma operação dedutiva.

Com o trabalho de exposição traduz-se na mente a trama complexa de analogias, determinações comuns, alteridades e diferenças que constitui o concreto pensado. Concreto esse que é resultado, portanto, do esforço de tradução na mente de efetividades, mas cujo vínculo com estas em nenhum momento se perde, devido à intervenção da crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo o que foi visto, podemos concluir que o método de Marx não é o da indução ou da dedução, muito menos uma síntese deles. Procedimentos dedutivos e indutivos podem estar presentes em diversos momentos na obra de Marx mas não determinam a natureza de seu método. Essa é determinada pela presença da crítica ontológica, dimensão ausente nas tentativas de síntese entre indução e dedução que se mantém no campo meramente epistemológico.

O método portanto, não nos mostra um conjunto de operações lógicas, de regras para construção de um objeto, mas sim os passos fundamentais no esforço de captação da lógica do objeto e de sua tradução na mente.

O método de Marx pode ser caracterizado como o método de concreção. O objetivo desse método é chegar a constituição ontológica do real, ao conjunto de relações contraditórias que determina cada fenômeno particular. Dessa forma se torna possível o entendimento e a atracção transformadora sobre a realidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, L. *Análise Crítica da Teoria Marxista*, Rio de Janeiro, Zahar, 1967. et alli, *Ler o Capital*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- CHASIN, J., Marx - Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica, em Teixeira, F.J.S. *Pensando com Marx*, Posfácio. São Paulo, Editora Ensaio, 1995.
- CHAUÍ, M. *Saber x Poder - em busca do espaço da reflexão*, Revista do Centro Unificado Profissional, ano 1, n.1, 1978.
- FERNANDES, F. (Org.). *Marx e Engels - História*, São Paulo, Ática, 1989. (Serie Grandes Cientistas Sociais, n.36)
- GRAMSCI, A. *Concepção Dialética da História*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
- JAMESON, F., *Marxismo e Forma*, São Paulo, HUCITEC, 1985. *The Political Unconscious. Narrative as a Socially Symbolic Act*, Cornell University Press, 1981.
- KOSIK, K. *A Dialética do Concreto*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- LUKÁCS, G. *As bases ontológicas da atividade humana*, Temas de Ciências Humanas, São Paulo, Livraria Ed. Ciências Humanas, n.4, 1978
- Conversaciones con Lukács*, ABENDROTH, W. et alli (org.), Madrid, Alianza, 1971.
- LUKÁCS, G. *História e Consciência de Classe*, Rio de Janeiro, Elfos, 1989.
- _____. *Ontologia do Ser Social: Os Princípios fundamentais de Marx*, São Paulo, Editoras Ciências Humanas, 1979.
- _____. *The Ontology of Social Being (Work)*, London, Merlin, 1982.
- MARX, K. *A Miséria da Filosofia*, São Paulo, Global, 1989.
- _____. *O Capital - 3 vol.*, São Paulo, Difel, 1987.
- _____. *Para a Crítica da Economia Política*, São Paulo, Nova Cultural, 1986. (Os Economistas)
- MARX, K. e Engels, F., *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*, São Paulo, HUCITEC, 1987.
- MULLER, M. L., *Exposição e método dialético em O Capital*, Boletim SEAF, n.2, Belo Horizonte, 1982.
- OLLMAN, B., *Dialectical Investigations*, London, Routledge, 1993.

SAYER, D., *Marx's Method. Ideology, Science and Critique in Capital*, Sussex, Harverst Press, 1979.

ZELENY, J., *La Estructura Logica de "El Capital" de Marx*, Barcelona, Grijalbo, 1974

Notas

(1) É preciso indicar que assumimos uma interpretação da obra de Marx desenvolvida principalmente por Lukács (1978, 1971, 1979), mas também por outros autores como Gramsci (1981), Kosik (1976) e mais recentemente Jameson (1985, 1981). Guardadas as diferenças, todos os autores ressaltam as bases ontológicas do pensamento de Marx, bem como as categorias da totalidade e contradição como constitutivas de sua ontologia.

(2) O caráter ontológico do pensamento de Marx podem ser resumidos em uma frase de "A Ideologia Alemã": "Os pressupostos de que partimos não são arbitrários, nem dogmas. São pressupostos reais de que não se pode fazer abstração, a não ser na imaginação" (Marx & Engels, 1987, p.26). Varias outras passagens da obra de Marx com o mesmo caráter poderiam ser lembradas.

(3) Ao longo deste trabalho essas questões serão indiretamente retomadas. Para um aprofundamento maior ver Lukács (1978, 1979) e Chasin (1995).

(4) Esse aspecto do processo de trabalho foi extensamente analisado por Lukács em sua obra "A Ontologia do Ser Social" e

em outros textos referentes a ontologia marxiana.

(5) Uma elaboração riquíssima da interação entre os diversos momentos do ser social, tanto no sentido metodológico como nas análises concretas, pode ser encontrada nas obras de Gramsci. Quanto a questão da relação entre os diversos momentos da totalidade social ver, dentre outros, Lukács (1979), Kosik (1976) e Jameson (1981).

(6) Quanto a contradição como forma de movimento do ser social ver Ollman (1993), p.50-53

(7) Essa divisão entre aspectos fenomênicos e essenciais é uma característica de qualquer processo, pois neles, "Ao se atingir o resultado final, a fase intermediária desaparece sem deixar vestígios" (Marx, 1987, p.203), como pode se observar no processo de trabalho: "No produto normal desaparece o trabalho anterior que lhe imprimiu as qualidades úteis" (Marx, 1987, p.207).

(8) Ver Lukács (1979) e Sayer (1979). Este último autor apresenta uma analogia entre a crítica como instrumento do conhecimento em Kant e em Marx.

(9) Ver Marx (1987), livro I, cap. IV e Livro III, cap.VIII e IX. Para apreciação do método de exposição no primeiro capítulo de "O Capital" ver Chasin (1995).

(10) Ver Marx (1987), Livro I cap. IV e XXII e Livro II, Primeira e terceira Partes.